

ONTOLOGIA I



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

FILOSOFIA
licenciatura a distância

ONTOLOGIA I

Luiz Hebeche



Ministério
da Educação



Florianópolis, 2008.

GOVERNO FEDERAL

Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva
Ministro de Educação Fernando Haddad
Secretário de Ensino a Distância Carlos Eduardo Bielschowky
Coordenador Nacional da Universidade Aberta do Brasil Celso Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor Lúcio José Botelho
Vice-reitor Ariovaldo Bolzan
Pró-reitor de Orçamento, Administração e Finanças Mário Kobus
Pró-reitor de Desenvolvimento Urbano e Social Luiz Henrique Vieira da Silva
Pró-reitora de Assuntos Estudantis Corina Martins Espíndola
Pró-reitora de Ensino de Graduação Thereza Christina Monteiro de Lima Nogueira
Pró-reitora de Cultura e Extensão Eunice Sueli Nodari
Pró-reitor de Pós-Graduação Valdir Soldi
Pró-reitor de Ensino de Graduação Marcos Laffin
Diretora do Departamentos de Ensino de Graduação a Distância Araci Hack Catapan

CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Diretora Unidade de Ensino Maria Juracy Filgueiras Toneli
Chefe do Departamento Leo Afonso Staudt
Coordenador de Curso Marco Antonio Franciotti

Coordenação Pedagógica LANTEC/CED
Coordenação de Ambiente Virtual LAED/CFM

PROJETO GRÁFICO

Coordenação Prof. Haenz Gutierrez Quintana
Equipe Henrique Eduardo Carneiro da Cunha, Juliana Chuan Lu, Laís Barbosa, Ricardo Goulart Tredezini Straioto

EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS

LABORATÓRIO DE NOVAS TECNOLOGIAS - LANTEC/ CED

Coordenação Geral Andrea Lapa
Coordenação Pedagógica Roseli Zen Cerny

Material Impresso e Hiperímia

Coordenação Thiago Rocha Oliveira
Diagramação Laura Martins Rodrigues, Gabriela Dal Toé Fortuna, Karina Silveira
Ilustrações Felipe Oliveira Gall
Revisão gramatical Gustavo Andrade Nunes Freire, Marcos Eroni Pires

Design Instrucional

Coordenação Isabella Benfica Barbosa
Designer Instrucional Chalin Zanon Severo

Copyright © 2008 Licenciaturas a Distância FILOSOFIA/EAD/UFSC
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade Federal de Santa Catarina.

H353

Hebeche, Luiz Alberto.
Ontologia I / Luiz Alberto Hebeche .— Florianópolis : Filosofia/EAD/UFSC, 2008.
151p. : 28cm.
ISBN: 978-85-61484-03-3
1.Ontologia. 2. Filosofia. I. Título.

CDD 111

Elaborado por Rodrigo de Sales supervisionado pelo setor técnico da Biblioteca
Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
LEITURA RECOMENDADA	15
REFLITA SOBRE	15
1 AS ORIGENS DA ONTOLOGIA	17
1.1 Os pré-socráticos	19
1.2 Tales de Mileto	22
1.3 Anaximandro de Mileto.....	24
1.4 Heráclito de Éfeso	28
1.5 Parmênides de Eléia	34
LEITURA RECOMENDADA	40
REFLITA SOBRE	41
2 Sócrates.....	43
LEITURA RECOMENDADA	56
REFLITA SOBRE	56
3 PLATÃO.....	57
3.1 Mênon	61
3.1.1 A opinião verdadeira	71
3.1.2 O caminho de Larissa	76

3.2 A República	79
3.2.1 A Alegoria da Caverna	84
3.3 O Sofista	99
3.3.1 Parricídio: A Realidade do Não-Ser.....	108
3.3.2 Cercando o Sofista	115
LEITURA RECOMENDADA	119
REFLITA SOBRE:	119
4 ARISTÓTELES.....	121
4.1 Teologia – Ciência de Deus	127
4.2 Aitiologia – Ciência das Causas.....	132
4.3 Usiologia – Ciência da Substância.....	135
4.4 Ontologia – Ciência do Ser Enquanto Ser.....	139
LEITURA RECOMENDADA	143
REFLITA SOBRE	143
CONCLUSÃO	145
LEITURA RECOMENDADA E COMENTADA	147
BIBLIOGRAFIA	149

APRESENTAÇÃO

Caros alunos e alunas,

A disciplina que leva o nome de **“ontologia”** confunde-se com a própria filosofia. Como mostaremos ao longo do curso, filosofar é perguntar. Pode-se perguntar: “O que é a física?”, “O que é a matemática?”, “O que é a vida?”, etc. Todas são perguntas de natureza filosófica. No entanto, existem perguntas ainda mais importantes e que dizem respeito à ontologia. O caráter principal dessas perguntas é a sua aparente simplicidade. Como as crianças que nos surpreendem ao perguntar apontando “O que é uma cadeira?”, ou, “O que é o céu?”, “O que é “noite”?”, “Por que a cor azul não é vermelha?”, “por que morremos e Peter Pan vive para sempre?”, e assim por diante. A pergunta ontológica é semelhante, mas ainda mais radical, pois diz respeito a tudo o que existe.

A ontologia é o âmbito da filosofia que pergunta por aquilo que responderia a todas as outras perguntas: **Por que existe o mundo?** As respostas para essa pergunta são as mais variadas. Uns respondem que o mundo existe por que Deus o criou, outros que o mundo sempre existiu, outros por que o mundo resultou de concentrações e explosões cósmicas, outros de que só existe mundo por que existe o homem que pergunta por ele, e assim por diante. Mas, sejam quais forem as respostas, elas são conduzidas pela mais simples das perguntas: **“O que há?”**, ou **“O que existe?”**, ou **“O que é o ser?”**. E essas são perguntas ontológicas.

Nas lições que se seguem mostraremos basicamente a origem e o desenvolvimento da ontologia entre os gregos. Focaremos alguns pré-socráticos, passaremos pelo próprio Sócrates e nos ocuparemos de Platão e de Aristóteles. Pensamos que isso fornecerá a vocês as informações indispensáveis para um curso de filosofia, mas o faremos sempre destacando o caráter de questionamento que há em todo o filosofar. A relação entre professor aluno é estabelecida pelo questionamento. Os modernos meios de comunicação aproximaram ainda mais os homens e tornaram possível manter vivo o questionamento nas suas mais variadas formas de expressão. Aproveitemos essa oportunidade que se nos oferece. E esperamos que, por meio dela, guardemos o nosso objetivo principal, isto é, que o filosofar cresça e frutifique ao longo do caminho.

Luiz Hebeche.

O QUE FAZER COM OS TERMOS FILOSÓFICOS DESCONHECIDOS?

Ao longo dessas lições, o aluno encontrará muitos termos cujos significados são de difícil compreensão. O primeiro recurso será procurar um dicionário de filosofia. No nosso caso, por exemplo, poderá consultar a palavra “ontologia”, “ser”, “ente”, etc. Já aí o aluno encontrar-se-á em pleno exercício filosófico, pois estará interpretando textos e aprendendo a dominar a terminologia dessa área do conhecimento. Existem bons dicionários de filosofia em língua portuguesa, como:

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*, Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JAPIASSU, H. F. & MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*, Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NICOLA, Abbnano, *Dicionário de Filosofia*, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Se o aluno não conseguir encontrá-los numa biblioteca, pode acessar um dicionário de filosofia na Internet, no site:

<http://www.filosofiavirtual.pro.br/dicionariofilosofia.htm>

O recurso à Internet é importantíssimo. Todos os assuntos que trataremos a seguir estão nela disponíveis, basta o aluno acessar os portais da sua preferência. Entre eles, destaca-se o Google. O aluno pode digitar o assunto ou o nome do filósofo e terá a seu dispor uma grande quantidade de informações.

INTRODUÇÃO

É comum dizer que todos os homens são filósofos. Não importa quem sejamos, que idade tenhamos ou o que façamos, todos filosofamos. Pode ser à noite antes de conciliar no sono, durante um passeio, num bar, numa festa, numa viagem de ônibus, automóvel ou avião, num velório ou numa festa de casamento, assistindo um filme ou o noticiário, estamos sempre pensando ou filosofando. E isso já indica que a filosofia é uma atividade inseparável de nossas vidas. E, como somos seres finitos, também indica que a filosofia nunca será algo pronto e acabado. Filosofar é principalmente questionar. E, na medida em que debatemos e questionamos, pode-se dizer que o filosofar é uma ocupação que pertence a todos os homens. Todos temos vocação para a filosofia. E que significa “vocação” aqui senão que entre as mais variadas perguntas que, ao longo da vida, nos chamam a atenção distinguem-se as mais genuinamente filosóficas como as do tipo: O que é o homem? O que é a vida? O que é a morte? O que é liberdade? O que podemos esperar? O que é o número? O que é o amor? O que é Deus?, etc. E o estar à escuta, o estar atento, o ser sensível a essas perguntas, o deixar-se tocar por elas, é a “vocação”, isto é, a habilidade para lidar com as questões mais importantes que, mais tarde ou mais cedo, com maior ou menor intensidade, atingem todos os homens.

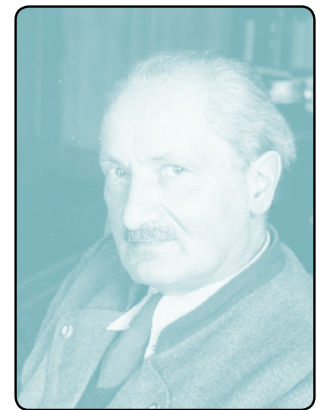
Mas isso nem sempre foi assim. A filosofia surgiu num certo momento da história e, para nós ocidentais, num país específico: a Grécia. É importante ter isso claro, por que a disciplina que mi-

nistraremos com o nome de “ontologia” diz respeito àquilo que é central na filosofia, podendo muitas vezes ser confundida com ela. Assim, falar de filosofia e de ontologia seria como tratar da mesma coisa, pois a ontologia é basicamente a pergunta pelo ente (onto (ὄντο) = ente; logia (λογία) = estudo ou investigação). Isto é, a ontologia, ao tratar do ente direciona-se para aquilo que é essencial. E se como afirmamos filosofar é questionar, então a pergunta fundamental seria: o que é o ente? Essa pergunta dirige-se àquilo que determina o ente enquanto ente, isto é, ao seu ser. É óbvio que a pergunta pelo ente é feita por que ele existe. Se nada existisse não haveria pergunta nenhuma. Mas então a pergunta poderia ser formulada assim: por que antes existe o ente e não o nada? Em outras palavras porque existe o mundo e não simplesmente o nada? E assim já se pode vislumbrar que, muitas vezes, a questão fundamental da filosofia é a mesma da ontologia.

É importante, desde já, lembrar que há várias definições de “filosofia” e que nem todas tomam a ontologia como o assunto central. Poder-se-ia dizer que, em determinados momentos ou circunstâncias históricas, a filosofia desviou-se do problema do ser – da ontologia – para tratar de outros temas. Segundo *Martin Heidegger* (1890-1976), já nos séculos V e VI d.C. nas escolas de Alexandria havia seis definições diferentes de filosofia, como:

1. conhecimento dos entes enquanto entes;
2. conhecimento das coisas divinas e humanas;
3. meditação sobre a morte;
4. a possível assimilação do homem ao divino;
5. técnica das técnicas e ciências das ciências;
6. amor à sabedoria.

Nessas definições, a filosofia assume papéis distintos. Em 1 e 2 a filosofia é definida por seu objeto; em 3 e 4 pelo seu fim; em 5 e 6 por sua excelência (HEIDEGGER, 2001, p. 37). Se havia tais diferenças naquela época, imagine-se nos dias de hoje. No entanto, como estamos considerando, podemos dizer que a excelência da filosofia, como amor à sabedoria, tem muito a ver com seu objeto: o conhecimento dos entes enquanto entes. Nesse sentido, apenas



Recolocou o problema do Ser reformulando a Ontologia. Sua principal e mais conhecida obra intitula-se: “*Sein und Zeit*” (“Ser e Tempo”) publicada em 1927. Seu propósito nesta obra era questionar o sentido do ser. (Informações retiradas do site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Heidegger#Sua_obra, acessado em 25/04/07.

definição 1 diria respeito à ontologia. E o “amor à sabedoria” teria, então, um caráter ontológico.

É claro que a ontologia não é a única disciplina num curso de filosofia, mas desde os gregos ela é coluna vertebral que articula o pensamento filosófico. Por isso que os grandes filósofos ou conceberam uma ontologia ou adotaram uma já existente, ou seja, cada um a seu modo tentou encontrar uma resposta à pergunta: o que é o ente? As outras disciplinas importantes como a lógica, a ética, a política, a estética, a teoria do conhecimento têm sempre fundamentos ontológicos ou, se quiser, metafísicos. Como veremos, muitas vezes se entende ontologia por “**metafísica**”. Ambas caracterizam-se pelo modo como lidam com o sentido do ser. E essa é a sua excelência, perguntar pelo ente se torna então a investigação sobre o ser do ente, isto é, por aquilo que determina o que o ente é, aquilo que constitui a substância ou a essência de qualquer coisa. E é isso que torna a ontologia a mais importante de todas as disciplinas. Os temas das outras disciplinas – O que devemos fazer? O que é o bem? O que é lógica? O que é o belo?, etc. - dependem da pergunta fundamental: Qual é o sentido do ser? E, como estamos mostrando, essa questão foi originalmente formulada pelos gregos.

Dissemos que o ente é tudo o que é. Isso quer dizer que a ontologia pergunta pelo “que” das coisas. Isto é, pelo “que” faz com que as coisas sejam o que são. O que é o bem? É a pergunta pelo que faz com que o bem seja o bem. O que é o belo? É a pergunta pelo que constitui as coisas belas. E isso vale para tudo: o que é uma cadeira? O que é um cachorro? O que é a liberdade? O que é o homem? O que é Deus? E assim por diante. A pergunta pelo ente abre o caminho para o “que” constitui tal e tal ente, isto é, para o ser do ente. A novidade que os gregos introduziram aqui está em que podemos ver, tocar, falar dos entes, mas quando perguntamos diretamente pelo ser de todos os entes ficamos perdidos. Como veremos, Aristóteles colocou bem esse tema ao afirmar que o ser é o conceito mais universal e, por isso mesmo, o menos definível e o mais obscuro. Seja como for os gregos conceberam a filosofia (ou ontologia) no modelo do ser. Em suma, para eles o objetivo da filosofia é fundamentalmente pensar o ser. E só se chega ao ser perguntando pelo ente ou lidando com ele. E isso já mostra que o ser

Metafísica

Ramo da filosofia que se ocupa da natureza última do que existe. Ela questiona o mundo natural “de fora”, por assim dizer, e suas questões, portanto, não podem ser abordadas pelos métodos da ciência. (verbetes retirado do site: <http://www.filosofiavirtual.pro.br/dicionariofilosofia.htm>. Acessado em 26/04/2007.

e o ente não coincidem. Há uma diferença ontológica, isto é, uma diferença entre ser e ente. Sem essa diferença tudo seria ser ou ente e, nesse caso, não haveria “espaço” para a filosofia ou a ontologia. Essa questão tão importante para o destino da filosofia pode ter surgido como uma simples, mas decisiva pergunta do tipo: “o que é isto?”. E essa pergunta tão simples constitui o núcleo do que se chama ontologia. Até um dos filósofos mais conhecidos do século XX, W. V. **Quine** (1908-2000) mantém essa compreensão grega inicial. Escreve ele em seu famoso artigo *Sobre o que há*:

“Um aspecto curioso do problema ontológico é a sua simplicidade. Ele pode ser formulado com três monossílabos portugueses: “O que há?” Além disso, pode ser resolvido com uma palavra – “Tudo” – e todos aceitarão essa resposta como verdadeira. No entanto, isso simplesmente é dizer que há o que há. Resta margem para desacordo em situações particulares; e assim a questão permaneceu de pé pelos séculos.” (QUINE, 1975, p.223).

Esse “desacordo em situações particulares” faz parte da história da filosofia. E o primeiro dessa história seria possivelmente um grego anônimo e obscuro que fez perguntas a partir de vivências mais cotidianas como: “o que é o raio?”, “o que é a chuva?”, “porque mudam as estações?”, “o que é o dia?”, “o que é a noite?” etc. Essas questões assumiram a forma mais simples e radical: “O que há?” Isto é, assumiram um caráter mais abstrato. As respostas, desde então, mudaram assumindo nos dias atuais as formas mais distintas de tratamento, como as da fenomenologia radical de Heidegger e a do logicismo de Quine, mas a pergunta de fundo continuou a mesma.

O importante é que com esse tipo de pergunta abriu-se uma brecha no mundo mitológico e religioso. Pela primeira vez, tanto o mundo compacto e fechado do mito, quanto o mundo pleno e auto-suficiente da epopéia foram abalados pelo questionamento filosófico. É possível também acompanhar esse desdobramento na evolução da tragédia grega em Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, bem como no desenvolvimento do espaço público de Atenas, que foi evoluindo de cidade fechada da monarquia para tornar-se uma cidade mais aberta e democrática. Foi onde, aliás, a filosofia grega – e a pergunta pelo ser – alcançou, com Platão e Aristóteles, o seu máximo esplendor.

É considerado um dos mais influentes filósofos e lógicos norte-americanos do século XX. Era adepto da Filosofia Analítica, ao mesmo tempo em que propunha que a filosofia não é análise conceitual. Suas principais obras são: “Dois dogmas do empirismo” e “Palavra e Objeto”. (Informações retiradas do site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Willard_Van_Orman_Quine; acessado em 02/05/2007).

O que mostraremos a seguir está limitado ao objetivo deste livro que é o de fazer uma breve introdução à ontologia grega. Antes de tratarmos dos grandes filósofos, mostraremos como a resposta à pergunta “o que há?” já fora tentada pelos chamados filósofos pré-socráticos. Isso é importante por que as suas respostas terão uma forte repercussão na história do pensamento ontológico grego.

LEITURA RECOMENDADA

CHATELET, F. A filosofia pagã. In: _____. *História da Filosofia I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

QUINE, W. V. Sobre o que há. In: _____. *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PLATÃO; XENOFONTE; ARISTOFANES. *Defesa de Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

REFLITA SOBRE

- O que é ontologia?
- Qual é a sua importância?

■ CAPÍTULO 1 ■

AS ORIGENS DA ONTOLOGIA

Neste capítulo o aluno entenderá o modo como surgiu a ontologia, seu afastamento do mito e da religião. Terá também uma amostra do pensamento de alguns filósofos pré-socráticos, como expressão dos primeiros questionamentos ontológicos.

1 AS ORIGENS DA ONTOLOGIA

1.1 OS PRÉ-SOCRÁTICOS

A filosofia grega é comumente dividida em dois grandes períodos: o pré-socrático e o socrático. Esses nomes expressam a importância de Sócrates para a história da filosofia e, no nosso caso, para o rumo que tomou a ontologia. Sócrates, debatendo com os sofistas na Atenas democrática, aproximou a filosofia dos homens, mas só fez isso por que o âmbito filosófico já havia sido preparado pelos filósofos anteriores a ele. Na medida em que seus antecessores foram afastando-se dos deuses e começando a pensar sobre os fundamentos do mundo ou do cosmos. Antes de Atenas, a filosofia se desenvolveu na Magna Grécia, isto é, em pequenas cidades comerciais que se estendiam às margens dos mares Mediterrâneo e Egeu. A escola jônica situava-se no que hoje é a costa da Turquia (Mileto, Colofon, Éfeso), mas havia também a escola italiana (Samos, Eléia). Esse modo de pensar não se esgotou com Sócrates e os **sofistas**, mas persistiu posteriormente nas escolas de Clazômena e Agrigento.

Sofistas

Alguém cujo objetivo numa discussão não é atingir a verdade, mas vencer a discussão. (Verbetes retirado do site: <http://www.filosofiavirtual.pro.br/dicionariofilosofia.htm>. Acessado em 07/05/2007)

Cosmologia

Estudo de todo o Universo, do cosmo. (Verbetes retirado do site: <http://www.filosofiavirtual.pro.br/dicionariofilosofia.htm>. Acessado em 07/05/2007)

É importante ter em conta que as cidades em que se situavam tais “escolas” eram geralmente governadas por reis, déspotas e tiranos. A falta de um ambiente livre que possibilitasse a discussão e o fator religioso, isto é, a pluralidade de deuses da religião homérica definiu os temas que originaram a filosofia. Por isso, para os primeiros filósofos a ontologia tem fortes aspectos cosmológicos ou cosmogônicos **Cosmologia**.

A pergunta pelo ente confundiu-se muitas vezes com a pergunta pelo que constitui o cosmos ou a natureza. A pergunta pelo ente era orientada pela busca do princípio que sustenta tudo o que existe. Se a filosofia, enquanto teoria, parte da “admiração”, é por que essa atitude não é uma mera contemplação distanciada, mas um novo tipo de assombro pela viabilidade de explicar racionalmente o mundo.

Há muitas perspectivas de entender o pensamento dos pré-socráticos e, dentre elas as que têm mais marcado a filosofia contemporânea estão as de Nietzsche e Heidegger que procuram destacar ou o caráter trágico, ou o caráter misterioso e oculto desses primeiros filósofos. No entanto, para nós o aspecto principal desses pensadores era o otimismo de que pela primeira vez podia-se explicar as coisas independentemente da mitologia e dos deuses. Se havia algo espantoso no mundo era o novo fato de que ele podia ser explicado. Esse espanto filosófico surgiu no momento que se abriu uma frincha racional no mundo fechado da lenda, do mito e da religião.

Obviamente, esta separação não foi total e imediata e, em muitos desses primeiros filósofos, os temas míticos e religiosos continuaram presentes e, ainda que esmaecidos, persistiram até à irrupção da filosofia ateniense com as figuras de Sócrates, Platão e Aristóteles. Mas a filosofia surge com o espanto e a admiração pela explicação do mundo.

Antes de expormos a doutrina de alguns deles, vejamos no esquema abaixo quais foram os principais filósofos pré-socráticos, o local e a época que viveram.

Escola Jônica

1. Tales de Mileto
2. Anaximandro
3. Anaxímenes
4. Xenófanes de Colofon
5. Heráclito de Éfeso



Nietzsche

Escolas Italianas

1. Pitágoras de Samos e seus seguidores
2. Escola Eleática
 - 2.1. Parmênides
 - 2.2. Zenão
 - 2.3. Melisso

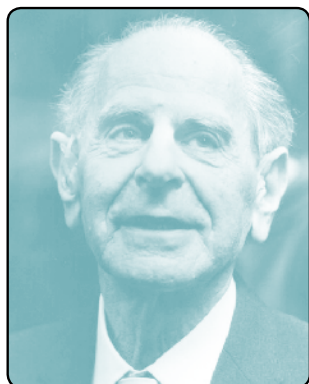
A fase tardia desse tipo de pensamento que se desenvolveu para além da época de Sócrates, mantendo-se à margem da sua influência. Uma das suas principais expressões foi a escola atomista.

Escola Atomista

1. Empédocles de Agrigento
2. Leucipo
3. Demócrito de Abdera
4. Anaxágoras de Clazômena

O que eles têm em comum e que os inscreveria numa história da ontologia? Como veremos, cada um tentou responder, a seu modo, a pergunta: o que há? Ou, nos termos gregos: o que é o ser? Um dos problemas de se saber o que os pré-socráticos realmente pensavam está em que só restam fragmentos das suas obras. Esses fragmentos encontram-se espalhados nas obras de outros filósofos, historiadores, cronistas e comentaristas antigos. Por isso, da obra desses primeiros filósofos restam apenas trechos que foram guardados na tradição muitas vezes por citações de terceiros ou de “ouvir dizer”. Sem isso, porém, o começo da filosofia ter-se-ia perdido na noite do esquecimento. A **“doxografia”** é a **arte de preservar e interpretar esses fragmentos**. O seu caráter por vezes obscuro e enigmático não impediu que, nos últimos séculos, tais fragmentos crescessem em importância e influenciassem filósofos das mais diferentes posturas.

Entre os comentadores dos primeiros filósofos já se pode falar de um “conflito de interpretações” que estende-se até hoje. **Karl Popper**, inspirado neles, propõe que a filosofia e a ciência voltem a ocupar-se da cosmologia, como faziam Anaximandro, Anaxíme-



É conhecido por sua defesa da falseabilidade como um critério de demarcação entre ciência e a não-ciência. (Informações retiradas do site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Popper - Acessado em 08/05/2007).

nes e Heráclito. Nietzsche os toma como exemplo da filosofia da vida plena antes da chegada da era insípida e morna da razão; Heidegger supõe que, mais do que filósofos, eles seriam os genuínos pensadores do ser e que toda a história do pensamento é, de algum modo, um encobrimento desse pensar originário.

Seja como for, para a maioria dos comentadores a filosofia começa com eles. De alguns deles, não há nada escrito, pois sobreviveram apenas comentários de segunda mão, como é o caso do mais antigo, *Tales de Mileto* (625a.C./558a.C.).

1.2 TALES DE MILETO

As fontes onde podem ser encontradas os vestígios do que pensara Tales de Mileto são Simplicio e principalmente Aristóteles, que, aliás, foi o primeiro historiador da filosofia; ou melhor, foi o primeiro a interpretar os pré-socráticos segundo o seu próprio modo de pensar. E, para Aristóteles, a filosofia é a pergunta pelas primeiras causas ou os primeiros princípios.

Assim, como vimos, a pergunta ontológica: “o que há?” ou “o que é o ente?” pode ser respondida com um “tudo”. Acontece que esse “tudo” foi pensado das mais diferentes maneiras. Os primeiros pré-socráticos o entendiam “como princípio de todas as coisas unicamente os que são da natureza da matéria”. Segundo Aristóteles, “pelo que se conta” (ARISTÓTELES, 1967, 410b-411b), Tales buscava uma explicação naturalizada do cosmos. Entendia que alma era a essência do cosmos. “Alma” quer dizer animação, vitalidade, movimento. Dessa “animação” geral participavam até mesmo os deuses. O ímã que atrai partículas de ferro é um exemplo desse princípio animador; as partículas de ferro são atraídas por uma força delicada, mas palpável. Pode-se sentir e ver a sua atuação. E essa força é a mesma que rege tudo.

Assim, a afirmação de que tudo está cheio de deuses está associada a de que a animação do cosmos impulsiona até mesmo as atividades divinas. O ímã e os deuses são regidos pelo mesmo princípio que move o cosmos. Tales foi o primeiro a suspeitar daquilo que bem mais tarde os físicos chamariam de “magnetismo” e “gravitação”, pois os movimentos do sol, da lua, do mar, bem como

Tales Nasceu por volta de 624/625 a.C em Mileto, atual Turquia. Era filósofo, matemático e astrônomo. Suas idéias mais notáveis foram: a água como “physis” e o Teorema de Tales. É considerado o pai da ciência e da filosofia ocidental. Influenciou Pitágoras, Anaximandro e Anaxímenes. Faleceu em 556/558 a.C. (Informações retiradas do site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tales_de_mileto - acessado em 08/05/2007).

as atividades dos deuses e dos homens, são constituídos da mesma força animadora. Quando Tales afirma que todas as coisas estão cheias de deuses é por que inclusive estes estão submetidos a um mesmo princípio. Não foi por mero acaso que Tales foi chamado de ateu. Mas a sua especulação ainda foi além. Aristóteles “ouviu dizerem” outras coisas sobre a sua filosofia da natureza.



Mapa da Magna Grécia

Denominação que recebia o sul da Península Itálica, região colonizada na Antiguidade pelos gregos; incluindo a Sicília, onde também se verificou o fenômeno de colonização grega. O nome deriva do latim Magna Graecia (em grego, Megale Hellas), “Grande Grécia”, porque para os colonos, que vinham de uma Grécia caracterizada pelo seu relevo montanhoso e pelo excesso populacional, as terras da Itália pareciam estender-se infinitamente. (Informações retiradas do site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Magna_Gr%C3%A9cia#Localiza.C3.A7.C3.A3o_geogr.C3.A1fica – acessado em 08/05/2007).

Segundo Aristóteles, Tales tinha outras respostas baseadas em princípios materiais ainda mais famosas: “Tales, o fundador de tal filosofia, diz ser a água” (ARISTÓTELES, 1979, p. 16). Em outras palavras, para Tales tudo o que existe é água. E assim a resposta às perguntas: “o que é o ente?” ou “o que há?”, tem uma única resposta: “água”, ou seja, “tudo é água”. Nem deuses, nem heróis, nem homens, é a água o princípio que rege o cosmos. Consta que Tales era um homem viajado, que conversara com

muita gente sabida, que vira muitas paisagens. E, basta olhar o mapa da *Magna Grécia*, para notar a uma presença constante: o mar. O mar sempre esteve vinculado à vida povo grego. E isso possivelmente contribui para o pensamento de Tales: a água está em toda a parte. Mas não só no mar, está também no ar, nos rios, nos alimentos, nos animais e nos homens. Mesmo o mais duro mineral ou rocha vulcânica originou-se da água.

Tudo o que existe no cosmos é feito, com maior ou menor proporção, de água. Aparentemente, essa é uma idéia banal, mas a sua importância ontológica está em que, pela primeira vez, um homem pensou o uno, isto é, que a diversidade, o múltiplo dos entes assenta sobre um princípio unificador. O grande número de imagens e narrativas encantadas do mundo homérico deram lugar ao pensamento filosófico que afirma a unidade. Sem a água é impossível, não só a vida, mas o próprio cosmos. A terra, segundo Tales, flutua sobre ela. Tudo nasce da água, mantém-se na água e dissolve-se nela. Isto é, tudo o que há é sustentado por uma só coisa. A água é, assim, o mais palpável e o mais geral. As coisas que aparecem tem sempre algo a ver com a água, o que quer dizer que a água está em tudo.

A pergunta pelo que há, pelo que é o ente ou a coisa encontrada, pela primeira vez, uma resposta cabível. O ente que aparece aos sentidos ou no imaginário tinha agora como resposta algo bem mais elaborado pelo pensamento: o princípio que rege tudo. Aquilo sem o qual nada existiria. Por trás dos múltiplos entes ou coisas que aparecem está algo que lhe sustenta. Do mundo encantado da epopéia, passou-se para a filosofia. Se as narrativas dos deuses e dos heróis encantavam os gregos, agora a possibilidade de explicar o mundo os assombrou. Esse espanto, que acompanha a filosofia desde a sua origem, situa-se no mesmo âmbito da mais simples das perguntas: “o que há?”. A pergunta da ontologia. E Tales de Mileto foi o primeiro a dar uma resposta para ela.

1.3 ANAXIMANDRO DE MILETO

O pensamento de Anaximandro (610-547 a.C.), comparado com o de Tales, é ainda mais espantoso, pois introduz na especulação cósmica um componente radicalmente novo. Consta que foi o primeiro a escrever um livro *Sobre a natureza* do qual sobraram apenas alguns fragmentos. Foi matemático, geógrafo, astrônomo, político. Essas ocupações, porém, o afastaram de uma concepção simples como a de Tales, pois entendeu que nada no cosmos é pronto e acabado.

Esse caráter inacabado mostra que aquilo que sustenta o que há é ele próprio indeterminado ou ilimitado. Não é um elemento como a água, mas algo que a transpõe, que não pode ser, a rigor, definido e determinado. Algo que é até mesmo difícil nomear. A dificuldade de delimitação dá ao cosmos de Anaximandro um caráter dramático. E esse drama é ilimitado, imortal, imperecível. A tragédia dos homens – tal como expressa nas obras de Ésquilo e Sófocles – é apenas parte da tragédia cósmica. A diferença é que, na tragédia, uma vez cumprido o destino chega-se ao fim, mas no cosmos de Anaximandro, a luta entre a justiça e a injustiça é ilimitada. A pergunta ontológica: “o que há?”, tem como resposta o drama do cosmos, terrível, eterno, inescapável. Não há fim para esse drama e nossas vidas são apenas parte dele. Não há repouso. Não há consolo. E não há a quem apelar.

Um dos fragmentos mais notáveis de Anaximandro ficou conhecido como a mais antiga proposição ou sentença da filosofia ocidental. A palavra “sentença” não é um mero acaso. O cosmos se parece a alguém que foi sentenciado a eternamente afundar e a renascer no indeterminado. Hoje tornou-se comum falar em buracos negros, choque de nebulosas, morte e nascimentos de estrelas, implosão das galáxias e a sua posterior super explosão em big bangs sucessivos, nesse eterno retorno do mesmo, aí está o ente-cósmico de Anaximandro. O que há, então? A sua resposta continua bem atual: “A natureza do indeterminado é sem idade e sem velhice” (Hipólito, Refutação, 1, 6, 1 - OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1978, p. 16).

Ou seja, no fundo o cosmos não opera segundo as leis da física que aparentemente governam o nosso mundo, pois esse fosso escuro será assim para sempre. Para terem uma noção de como as coisas funcionam nessa indeterminação radical, os atuais cosmólogos deixam a imaginação operar livremente. Tempo, espaço, matéria são pensados dos modos mais díspares e surpreendentes, pois nessas representações, como já pensava o velho Anaximandro, se encontram indícios do indeterminado.

Nas fotos do telescópio Hubble e nas informações dos radiotelescópios sobre os confins do universo, bem como nas pesquisas sobre a antimatéria na escala subatômica reconheceu-se o papel da incerteza e da indeterminação. Se considerássemos, a moderna teoria quântica, de Max Plank, e o princípio da incerteza de Werner Heisenberg, poder-ia dizer que *Anaximandro* antecipou a cosmologia atual, mas sua originalidade é que deu a ela tons bastante trágicos.

O abismo da indeterminação suga tudo para novamente fazer tudo nascer. Os cientistas atuais reconhecem a dificuldade de determinar ou fundamentar os seus conhecimentos. As suas pesquisas, porém, também indicam a agonia do cosmos. E ainda ficamos chocados com esse drama espetacular do universo tanto quanto o filósofo que, pela primeira vez, o expressou há 2500 anos atrás em

Atribui-se a Anaximandro a confecção de um mapa do mundo habitado, a introdução na Grécia do uso do Gnômon (relógio solar) e a medição das distâncias entre as estrelas e o cálculo de sua magnitude (é o iniciador da astronomia grega). (Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anaximandro> - acessado em: 08/05/2007).

sua famosa sentença, cuja validade estende-se até hoje provocando espanto pelo terrível destino do mundo. Vejamos, na versão de Nietzsche, o que proclama essa sentença:

“De onde as coisas têm seu nascimento, para lá também devem afundar na perdição, segundo a necessidade; pois elas devem expiar e ser julgadas pela sua injustiça, segundo a ordem do tempo.”
(OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1978, p. 19)

Nesse cosmos, mantido pela necessidade implacável as coisas todas “afundam na perdição”, isto é, na ordem do tempo elas são “julgadas” ou sentenciadas pela sua persistência em nascer e existir. As coisas que aí estão, que podem ser vistas e tocadas, escondem o segredo que rege a sua destinação. Ao perderem de vista a indeterminação que as levará ao colapso, praticam a injustiça e, por isso mesmo, serão julgadas e expiarão por esconderem o seu terrível destino. A “necessidade” de afundar na perdição é o destino do mundo. As coisas nascem do fundo indeterminado e se desenvolvem, crescem, frutificam e se multiplicam esquecendo a sua origem. Esse crescimento da vida é a injustiça. E o acúmulo de injustiças terminará num julgamento implacável, pois as coisas mergulharão novamente no fundo obscuro de onde surgiram. Essa é a terrível justiça do cosmos. E não há escapatória para ela. Como nomear esse fundo onde as coisas, como os buracos negros, afundam e desaparecem para novamente surgirem e crescerem? Anaximandro o chamou de “ilimitado” ou “indeterminado” (apeíron – ἀπειρον).

Como se vê, a resposta à pergunta ontológica “o que há?” não só não é tão simples e direta, mas está trespassada pela dramaturgia e, poder-se-ia dizer sem abuso, pela maldição. As palavras “perdição” e “expição” são concebidas “segundo a necessidade” de que tudo o que nasce e cresce está sentenciado, em algum momento da ordem do tempo, a afundar naquilo que não tem nenhuma ordem. Essa é a “justiça” que o cosmos insiste em não reconhecer. Ora, o não entender a justiça é ser injusto. Ao não reconhecer isso, passe-se a viver na familiaridade da injustiça. Mas, como tudo o que é injusto, o que se vê e o que parece familiar e estável está mesmo condenado à perdição. E só há condenação por que há uma lei – justiça – que rege o mundo e que o faz nascer e afundar no in-

determinado. Portanto, é afundando no indeterminado que o cosmos pode renascer para logo corromper-se e novamente afundar. E assim eternamente.

Poder-se-ia indagar a Anaximandro: como pensar corretamente sobre o indeterminado se o pensamento também se origina nele? Seja como for, o feito de conceber o indeterminado como princípio explicativo para o que há, fora do âmbito dos deuses e dos sentidos, foi um passo gigantesco na constituição da ontologia grega.

A sobriedade de Tales e a tragédia cósmica de Anaximandro mostram como o pensamento pré-socrático não é homogêneo. Se Aristóteles os chamou de filósofos da natureza, esta é concebida das mais diversas maneiras. Assim, a resposta à pergunta “o que há?” teve as mais distintas respostas. Para Anaxímenes de Mileto (585-528 a. C.), também há só um princípio indeterminado, mas detectável pelos sentidos: o ar. Isto é, tudo o que existe depende da rarefação e condensação. O mais frio é o mais condensado, o mais quente, mais rarefeito.

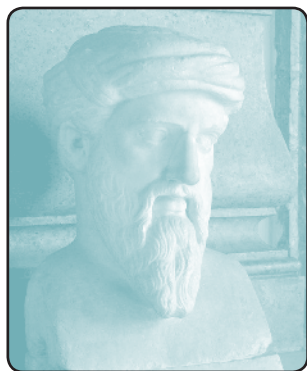
Assim, tanto a alma quanto a matéria são feitos da mesma coisa, o ar. Num fragmento resgatado por Aécio, diz Anaxímenes: **“Como nossa alma, que é ar, soberanamente nos mantém unidos, assim também todo o cosmo sopra e ar o mantém”**. Anaxímenes teria feito uma síntese entre Tales e Anaximandro, evitando uma pura especulação sobre o indeterminado deste e retomando daquele a noção de que o princípio poderia ser experimentado. O ar é invisível, mas palpável. Sente-se ele nos pulmões, tocar o rosto, zunir nos ouvidos, agitar as árvores e levantar ondas no mar. Como um sopro, ele anima tudo o que existe.

A morte não surge do último suspiro? Enquanto ele está, há vida, como na primavera e no verão, quando ele se condensa a vida congela, como no inverno, e quando ele se esvai, as folhas ressecam e caem, no outono. Mas não foi nenhum Deus que o soprou na boca do homem, pois o ar existe desde sempre.

Para Pitágoras de Samos (580-497 a.C.), porém, o cosmos basicamente é regido pelos números. O inventor do famoso **“Teorema de Pitágoras”** seria até hoje atual, pois muitos lógicos e matemáticos acham que “o que há” são números e que podendo explicar



Anaxímenes. (Foto retirada do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Anaximenes.jpg>)



Pitágoras. (Imagem retirada do site: http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Kapitolinischer_Pythagoras.jpg - acessado em: 21/02/2008)

o que eles são, poder-se-ia também explicar a natureza do pensamento e, por conseguinte, do universo. E poder-se-iam fazer suas as palavras de Albert Einstein: **“Deus não joga dados com o universo”**.

Xenófanes de Colofón (570-528 a.C) por sua vez, considerava que o que há é uma mistura entre água e terra. Empédocles de Agrigento (490-435 a. C.) anos mais tarde, tem uma resposta semelhante a de Tales e a de Xenófanes, mas acrescentando outros elementos. Para ele, “o que há” é um composto de quatro elementos: terra, ar, fogo e água. As diversas combinações entre eles formam tudo o que pode ser visto, tocado, ouvido, etc.

Um outro ramo desse pensamento “naturalista”, que se estende para além da época de Sócrates, é representado por Demócrito e Epicuro. Ambos defendem a idéia, recuperada pela física moderna de que tudo o que existe é feito de átomos. Isto é, de partículas indivisíveis que, segundo sua posição e movimento, determinam tudo o que existe. Porém, entre os primeiros filósofos estão aqueles cuja doutrina terá uma enorme influência na história da ontologia, Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eléia. Seu pensamento é tão importante que influenciou Platão e Aristóteles e deu à filosofia Ocidental o seu estilo baseado na pergunta pelo ente. Se a filosofia “fala grego” é por que trata do ser. Ou seja, a pergunta (ontológica) “o que há?” é formulada assim: “o que é o ente?”. E resposta: “o ser”. Trata-se então de encontrar o ser do ente. Nesse sentido, como insiste Heidegger, a pergunta mais radical dirige-se ao ser. E, como veremos, para Heráclito tudo está em mudança e, portanto, num eterno vir-a-ser; para Parmênides, porém, tudo é estático, o ser é, e não pode não-ser. Com essas posições contraditórias, originou-se o “gigantesco confronto sobre o ser”.

1.4 HERÁCLITO DE ÉFESO

Heráclito de Éfeso (540-470 a. C.), mais do que Anaximandro, passou à história como a fama de filósofo “obscuro” e não só por sua personalidade difícil e misantropa, mas pelo estilo de seus escritos. A filosofia, segundo ele, é coisa para poucos. Um homem sábio vale mais do que milhares de tolos, isto é, vale mais do que



Heraclitus, pintura de Johannes Moreelse.

aqueles se deixam levar pelas trivialidades da vida sem prestarem atenção ao principal. E o principal é o que está no princípio. Os tolos são aqueles que não têm ouvidos ao “logos”. Essa palavra grega “logos” (λογος) é extremamente importante e, como tudo o que é importante, objeto de disputas intermináveis. Ela pode ser traduzida como “palavra”, “discurso”, “linguagem”, “razão”, etc. Optaremos por “razão”, pois a raiz de seu significado se encontra no verbo “*légein*” (λέγειν), isto é, “recolher” ou “dizer”.

A razão é o que de tudo recolhe o sentido para guardá-lo em si. Ao guardar tudo isso em si, o logos (ou a razão) diz algo que é difícil de ser escutado, isto é, de ser compreendido. Pela primeira vez, a palavra “razão” é empregada no sentido de que tudo tem explicação ou motivo para existir. O ser do ente é logos, razão. O seu sentido, porém, escapa à maioria dos homens. E de que fala o logos? Ele fala do âmago da natureza (φύσις) que, nas palavras de Heráclito, “**ama esconder-se**” (Fragmento 123), aquilo que é o mais importante dificilmente se mostra. É difícil, para a maioria, sintonizar com aquilo que tende a manter-se encoberto.

Já em seu primeiro fragmento do livro *Sobre a natureza* encontra-se uma advertência sobre a obscuridade do assunto a ser tratado. Heráclito afirma aí que “desse logos os homens estão sempre em descompasso”, isto é, mesmo tendo ouvido sobre ele os homens se comportam como se não o tivessem ouvido. Aquilo de que o filósofo discorre mesmo o homem mais sabido se parece aos inexperientes. Assim, poucos têm acesso àquele segredo que é dito pelo logos, pois “aos outros homens escapa quando fazem despertos, tal como esquecem quando se encontram dormindo”. A maioria comporta-se como os sonolentos e assim não prestam atenção ao que o logos tem a dizer.

A pergunta pelo ente, portanto, tornou-se mais do que problemática, enigmática. Diante do acontecimento do logos, os homens são surdos e mudos. “Homens não sabem ouvir nem falar” (frag. 19) ou: “Ouvidos descompassados assemelham-se a surdos; o ditado lhes concerne: presentes estão ausentes” (frag. 34), ou ainda: “os asnos prefeririam palha ao ouro” (frag. 9).

Os fragmentos de Heráclito parecem tratar dos mais variados assuntos e alguns deles se contradizem explicitamente. A aparente confusão se deve, em grande parte, ao seu caráter fragmentário, pois dificilmente poderemos saber se, em alguns dos fragmentos, ele estava afirmando ou negando algo, ou saber em qual contexto eles foram escritos. No entanto, há uma concepção bastante desenvolvida pela maioria dos intérpretes segundo a qual o logos expressa o ser do ente como devir, isto é, como vir-a-ser. Mais uma vez, a especulação filosófica precisa afastar-se dos sentidos. No entanto, o que torna os sentidos ilusões é a incapacidade de pensar o logos do qual fazem parte. Não são os sentidos que levam ao engano, mas o não estar atento ao logos. Por si só, os sentidos não dizem nada, pois o que os torna grosseiros ou não, é manterem-se mais ou menos afastados do principal.

Diz Heráclito: “Más testemunhas para os homens são os olhos e ouvidos, se almas bárbaras eles têm” (frg. 107) Apanhar e manter-se ouvindo o logos, porém, não é uma tarefa fácil: “Lutar contra o coração é difícil, pois o que ele quer compra-se a preço de alma” (frag. 85). Heráclito também entendeu que o excesso de erudição é um empecilho para escutar o logos: “Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu” (frg. 40). O excesso de informações leva à confusão e, portanto, ao extravio do logos. O logos é simples, mas é preciso ter a alma refinada para poder ouvi-lo. É certo que “todos homens pensam”, mas poucos escutam o que logos tem a dizer. A pergunta pelo ente, torna-se então a pergunta pelo logos, mas isso por que o pensamento e o ente são a mesma coisa. O que é o logos ou a razão? O que dele podemos apreender antes que volte a se esconder? Aprendemos que tudo muda. Ou melhor, como interpretou a tradição clássica: “tudo flui (*panta rei*), tudo muda, nada permanece”. As coisas estão em constante transformação. Portanto, “o que há”, o ser do ente, o princípio que rege tudo, é o vir-a-ser. O ente é o devir. E Heráclito anuncia isso em várias passagens de seu tratado que ficaram famosas, como nos fragmentos:

12: Aos que entram nos mesmos rios outra e outras águas afluem: almas exalam do úmido.

51: Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.

91: Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, segundo Heráclito, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança dispersa e de novo reúne (ou melhor, nem mesmo de novo nem depois, mas ao mesmo tempo) compõe-se e desiste, aproxima-se e afasta-se.

Alguns desses fragmentos podem dar a ilusão de que o vir-a-ser é um fluxo tranqüilo e sereno, mas no rio heraclitiano correm águas turbulentas. Ele afirma com todo o vigor no famoso aforismo: “O combate é pai de todas as coisas” (Πόλεμος πάντων μὲν πατὴρ ἐστὶ) (frg. 53). Por vezes, outros fragmentos podem erroneamente dar a idéia que se trata de um caos desordenado.

É importante, porém, entender as expressões “fluir” e “mesmo tempo”, pois o “mesmo” é que “tudo flui”, e, portanto, que esse todo é um, isto é, a pergunta ontológica “o que é o ente?” tem uma resposta: o fluir, o vir-a-ser. O vir-a-ser é o ser do ente. Ou seja, ao mesmo tempo em que uma coisa é, já não é; e ao mesmo tempo em que não é, já é.

O fragmento 91 afirma a “intensidade e rapidez da mudança”, como se as coisas estivessem desmanchando-se ou dissolvendo-se. No entanto, as coisas não terminam no nada ou no caos. Elas mantêm-se na luta entre o que é e o que não é. O ser é esse confronto originário. Tal confronto nada tem a ver com o caos. Heráclito também fala de “uma harmonia invisível superior à visível” (frag. 54). A harmonia confunde-se com a luta e o combate entre o que é e o que não é. É uma harmonia tensa, pois “o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia” (frag. 8). A harmonia está na discórdia, ou melhor, na luta, na permanente batalha entre o que é e o que não é, e vice-versa; a noite e o dia, o quente e o frio, a vida e a morte. Por isso, a melhor metáfora para expressar o calor desse confronto é a figura do fogo. O vir-a-ser é fogo.

O fogo dirige e origina todas as coisas. No calor da chama soldam-se os opostos. Por isso, o fogo é “fartura e indigência” (frg. 66). E ninguém está fora dessa luta originária: “imortais mortais, mor-

tais imortais, vivendo a morte daqueles, morrendo a vida daqueles” (frg. 62). Tudo que há é expresso pela maior ou menor presença do fogo. E assim poucos escutam o que logos tem a dizer por que suas almas são carentes dessa empolgação do combate originária entre os opostos. Às almas úmidas, encharcadas de água, sem a leveza, o calor, a luminosidade e agilidade do fogo. Desse modo, às almas pesadas, a natureza, o ser dos entes, permanece oculto.

A filosofia guarda sinais desse confronto que rege o mundo. E escutar o logos ou a razão é manter-se atento a esse combate originário. Desse mesmo fogo alimenta-se a filosofia, mas esta como atividade humana pode decair e tornar-se surda ao que diz o logos. Deixando-se levar pela tolice e as facilidades do mundo, a filosofia pode momentaneamente perder algo do seu brilho, mas para logo recuperá-lo, pois ela também surge do combate entre o ser e o não ser. A luta entre o estar atento e estar desatento, manter-se em sintonia e o ficar surdo. A luta para manter-se atento ao que expressa o logos constitui-se no âmago da filosofia. E assim, tal como entende Heráclito, a filosofia não é uma mera contemplação desinteressada; ao contrário, **ela é provocada e atraída pelo que ama esconder-se.**

O que o logos heraclítico tem a dizer e que tende a se ocultar é que “tudo flui”. No fundo de tudo o que aparece estável está o vir-a-ser. Esse vir-a-ser, porém, é o fogo da guerra entre a noite e o dia, a vida e a morte, mas isso por que a noite está cheia de dia e o dia está cheio de noite, a morte está cheia de vida e a vida está cheia de morte. A noite já é dia, o dia já é noite, a morte já é vida, a vida já é morte. Os pares alimentam-se do seu próprio confronto. Ou seja, o que é, não-é, e o que não é, é. O que é o ente, então? É difícil dizer e escutar, pois o ser é o não-ser e o não-ser, é ser.

O mito e a religião gregos ainda podem ser encontrados nos escritos de Heráclito. Quem, porém, deve ser ouvido: o logos ou os deuses? No fragmento 70, Heráclito afirma que assim como a criança ouve o homem, este ouve os deuses. Afirma também “o ethos do homem é o seu demônio (δαίμων)” (frag. 119). Ou seja,

o “demônio” é o que homem tem de maravilhoso e de divino. Homens e deuses participariam desse fogo expresso pelo logos. Isto é, quem rege a vida dos deuses e dos homens é o logos.

Uma das histórias que Aristóteles ouviu dizer de Heráclito é relatada no livro *Das partes dos animais* A 5, 645. Segundo ele, alguns forasteiros foram visitar Heráclito e aproximando-se viram que este se aquecia junto ao forno. Eles hesitaram, mas o sábio os encorajou, convidando-os a entrar com as palavras: “pois aqui também moram os deuses”.

Ora, por que os forasteiros hesitavam? Eles iam encontrar um sábio que morava sozinho numa casa simples e retirada. Foram visitá-lo um tanto temerosos certamente por que conheciam a sua fama de irreverente e obscuro. São surpreendidos com a afirmação aparentemente banal de que naquela simples habitação também havia deuses. O sábio não deixou de surpreender, pois os deuses já não moram no Olimpo, mas num lugar simples como aquele. Ora, que quer dizer isso senão que igualmente simples é que diz o logos? O que é maravilhoso (e demoníaco) é precisamente isso. Diante do que diz o logos, as fábulas e as lendas não conseguem alcançar. Os forasteiros têm de se surpreender, mas de um modo totalmente distinto, isto é, os deuses estão na cozinha e não mais num lugar maravilhoso e mágico, distante dos humanos; agora uma outra verdade ocupou seu lugar, deuses e homens convivem na proximidade da uma verdade que os ultrapassa, pois, os feitos dos deuses e dos heróis míticos tornaram-se pequenos diante daquilo que se “recolhe” na razão ou no logos e que, para os insensatos, torna-se difícil de ouvir. O Olimpo caiu do pedestal e deu lugar a outra imagem do mundo, era isso o que os visitantes temiam ouvir.

Ora, os deuses e os heróis também lutam, mas os seus ditos e feitos já não espantam, pois são apenas a expressão de um princípio que os antecede. A voz dos poemas épicos perdeu a força da sua entonação. Uma voz mais poderosa ocupou seu lugar: a voz do logos. O que espanta os visitantes, o maravilhoso, é agora poder ouvir o logos. A maioria dos homens, porém, não o escuta, embora o que ele diga seja simples como a casa do sábio. A sua simplicidade, porém, anuncia algo terrível e chocante: tudo é feito da guerra entre o ser e o não ser.

1.5 PARMÊNIDES DE ELÉIA

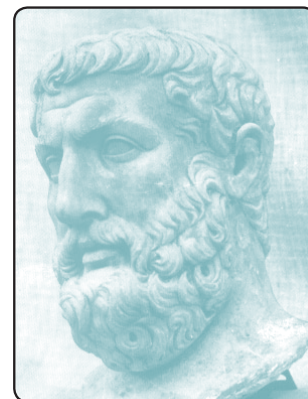
Dissemos que a pergunta filosófica mais importante, simples e radical é de cunho ontológico e que, por isso mesmo, a filosofia “fala grego”, isto é, tem a marca da sua origem grega. Vimos que, para Heráclito, o ser do ente é o devir ou o vir-a-ser e que este é feito do combate entre o ser e o não-ser. Mas essa linguagem não foi especificamente empregada por Heráclito. A empregamos para interpretar o logos heraclitiano por que ela foi herdada de uma poderosa tradição criada por Parmênides de Eléia (530-460 a. C.).

Esse modo de pensar, falar e escrever foi de tal modo marcante que se tornou uma espécie de linguagem oficial da filosofia até os dias atuais. Lembremos que o título de obras famosas da ontologia contemporânea como “Ser e tempo”, de Heidegger (1927) ou “O ser e o nada”, de Sartre (1943), mostram o poder dessa linguagem concebida pelo eleata. Portanto, se a filosofia fala grego, pode-se acrescentar sem receio que ela fala o grego de *Parmênides*.

Esse filósofo, aliás, viveu na mesma época de Heráclito, mas, embora sendo de uma cidade distante, teve acesso ao que se pensava em Éfeso, pois reagiu ao pensamento heraclitiano de maneira contundente, afirmando o contrário. Se, para Heráclito, o ser é devir, para Parmênides, o ser é. Essas posições opostas geraram polêmicas que atravessaram a história da ontologia.

O ser do ente é móvel ou imóvel? Para Parmênides, a verdade do ser é a sua perfeição, e esta nada tem a ver com a corrupção e finitude das coisas. Tudo o que é passageiro é imperfeito e falso, por isso a verdade não pode ser passageira. Se o pensamento de Heráclito era “obscuro”, o de Parmênides tem a clareza das proposições lógicas. A obscuridade heraclitiana pode ser entendida assim: ao invés de seguir a via da verdade do ser, ele seguiu a via da opinião, a do não-ser. Não tendo entendido a radical diferença entre o ser e o não-ser, Heráclito se comporta como se tivesse “duas cabeças”. Isto é, confunde ser e não-ser, verdadeiro e falso.

Mesmo que Parmênides recorra ao mito, o que diz é bastante claro. Felizmente foram preservados trechos extensos do seu poema filosófico *Sobre a natureza* que mostram, mais uma vez, que os temas ontológicos podiam ser abordados com recurso aos mitos,



Foi o fundador da escola eleática. Fundou, também, a metafísica ocidental com sua distinção entre o Ser e o Não-Ser. Numa interpretação mais aprofundada dos fragmentos de Heráclito e Parmênides podemos achar um mesmo todo para os dois e esta oposição entre suas visões do todo passa a ser cada vez menor. (Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Parm%C3%AAnides> – acessado em 08/05/2007).

mas para ir muito além deles; recurso, aliás, que também será usado por Platão. O que restou da introdução desse poema mostra que Parmênides não foi apenas um grande filósofo, mas também um excelente poeta. A função da poesia, porém, é auxiliar à filosofia. **A poesia é o cenário onde se desenvolve a ontologia parmenidiana.** A poesia prepara o caminho para uma mensagem que a supera.

Em seu **poema**, Parmênides proclama um acontecimento surpreendente. Relata a viagem de um jovem poeta-filósofo que, numa carruagem puxada por éguas e dirigida por jovens ninfas, o afastam da via multifalante para apresentar-se à deusa que protege o homem sábio. Nessa viagem celestial, o jovem vai, como que afastando os véus que encobrem as coisas e afastando-se das “moradas da noite” para o lugar iluminado pelas “filhas do sol”. Nesse lugar onde encontra-se a deusa da sabedoria é guarnecido por duas portas que levam aos caminhos distintos do dia e da noite. As portas são fortes e maciças; feitas de vergas e soleiras de pedra, com grandes batentes. São pesadas, mas tão ajustadas na soleira, nas cavilhas e chavetas que rangem ao girar nas dobradiças.

Essa imagem quer dizer que na entrada desses caminhos encontra-se a “justiça de muitas penas”. É ela que tem as chaves que abrem as portas cujos caminhos levam à noite escura ou à clareza do dia. As jovens ninfas com palavras brandas convencem a justiça a abrir seus segredos. A portadora desses segredos é a deusa, mas não é possível chegar até ela sem as chaves da justiça. Então remove-se a tranca aferrolhada e as portas, girando nos batentes, mostram a deusa que benevolmente recebe o jovem poeta-filósofo segurando carinhosamente a sua mão direita e saudando-o por que, tendo sido conduzido por cavalos e ninfas através de um mundo etéreo, pode agora ouvir as suas palavras diretamente, sem rodeios e tergiversações. Mas isso só foi possível por que ele pôde percorrer um caminho que está fora do alcance da maioria dos homens, pois é feito das implacáveis lei e justiça divinas.

A deusa então o instrui alertando-o para que tenha claro a diferença entre esses dois caminhos. Um caminho cheio de aparências e um outro em que não há lugar para elas. A justiça e a injustiça. A luz e as trevas. Diz ela: “é preciso que de tudo te instruas, do âmago

inabalável da verdade bem redonda, e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira”.

A “**verdade bem redonda**” (Ἀληθείης εὐκυκλέος) é a imagem da máxima perfeição e acabamento. A verdade do ser é um círculo perfeito ou uma esfera totalmente lisa e maciça, sem fissuras e lugares vazios. Parmênides afirma: “*para mim é comum donde eu comece; pois aí de novo chegarei de volta*”. O movimento é uma ilusão, pois tudo que se quer dizer do ser é o mesmo, a identidade absoluta, a tautologia do tipo: $A = A$ (ou $\text{Ser} = \text{Ser}$).

O ser é imóvel, não nasceu e nunca poderá se corromper. O ser é eterno, mas não infinito, isto é, ele não pode ser dividido. Daí a metáfora da esfera. Ao contrário, as opiniões (δόξας) dos homens estão, fora da fé verdadeira, sujeitas à divisão e à corrupção. O não-ser é a ranhura, o vazio, o falso e o imperfeito.

Nessa perfeição sem fissuras e atemporal, o pensamento é idêntico ao ser. Segundo a famosa sentença parmenidiana: “pois o pensar e o ser são o mesmo” (τὸ γὰρ αὐτὸ νοεῖν ἐστὶν τεκαί εἶναι) A tradição realça as duas vias, a da verdade e a da opinião. Mas, a rigor, só há uma via, pois a outra é mera opinião e ilusão que, aliás, não pode ser pensada.

E assim, Parmênides introduziu o monismo do ser, isto é, o ser é uma plenitude que se basta totalmente a si mesma enquanto que o não ser é a carência e a errância. A via da opinião, portanto, é tudo aquilo que impede o reconhecimento dessa verdade radical. Aqueles que permanecem nesse caminho estarão surdos ao que diz a deusa. E o que ela diz é taxativo:

Pois bem, eu te direi, e tu recebes a palavra que ouviste, os únicos caminhos de inquérito que são a pensar:

o primeiro, que o ser é e que portanto não é não ser,
de Persuasão é caminho (pois à verdade acompanha);
o outro, que não é e portanto que é preciso não ser,
este então eu te digo, é atalho de todo incrível;
pois não conhecerias o que não é (pois não é exequível)
nem o dirias...

Num outro trecho do poema, essa mesma posição continua sendo defendida:

Necessário é o dizer e o pensar que o ente é; pois é ser,
e nada não é; isto eu te mando considerar.
Pois primeiro desta via de inquérito eu te afasto,
mas depois daquela outra, em que mortais que nada sabem
erram, duplas cabeças, pois o imediato em seus
peitos dirige errante pensamento; e são levados
como surdos e cegos, perplexas e indecisas massas,
para os quais ser e não ser é reputado o mesmo
e não o mesmo, e de tudo é reversível o caminho.

Como se vê, Parmênides, em grande estilo, ataca o devir heraclítico que baseia-se na opinião absurda que ser e não ser são o mesmo. Ora, tal posição é fruto de cabeças indecisas e incapazes de reconhecer que a verdade é uma só e que, afirmar que o não ser tem o mesmo estatuto ontológico que o do ser é perder-se na errância e na degeneração das coisas. Como poderia o verdadeiro tornar-se outro que não fosse o falso? Como poderia a justiça tornar-se outra coisa que não fosse a injustiça?

Esse caminho dos “cabeças duplas” é incrível, não pode ser seguido pelo sábio, ela é coisa daqueles que parecem sábios, mas cuja indecisão demonstra falta de conhecimento e coragem para afirmar que é impossível impedir “o que é de aderir ao que é”. Essa aparente sabedoria dos heraclíticos colabora para tornar os outros cegos, surdos, semelhantes as massas manipuláveis por demagogos ou mentirosos.

Para Parmênides, o ataque de Heráclito aos que acreditam nos sentidos (visão, audição, etc.), é enganoso por que ao promover o não-ser a ser não só mantém-se na via da opinião, como reduzem a verdade a essa via. A suprema unidade do ser é dissolvida na multiplicidade do não ser. O âmbito sóbrio do ser se assemelha ao cenário multicolorido das opiniões cambiantes. A voz unívoca do pensamento é substituída pela multiplicidade de vozes vazias de sentido. Essa opinião dos mortais, porém, não pode resistir ao destino que determina o ser como o que é que, portanto não pode não ser. E assim, o mundo de fogo do devir dá lugar ao mundo congelado do ser.

Qual ontologia é mais convincente? A que destaca o princípio materialista, como a de Tales ou a que entende o ser a partir da indeterminação, como a de Anaximandro? Aquela que afirma o devir como em Heráclito? Ou a que sustenta a imobilidade do ser como em Parmênides? Poderia haver um modo de combiná-las? Em todas existe um conflito latente ou escancarado entre o pensamento conceitual e as sensações. Afinal, **a via dos sentidos ou da opinião é passageira, mas os conceitos são estáveis.** Se assim não fosse, a linguagem nada poderia expressar e as palavras como “ser”, “ente”, “logos”, “água”, etc. seriam vazias de sentido. O papel da linguagem, portanto, é incontornável. **A linguagem é compreensão.** É possível, porém, compreender o ser do ente, e mais: é possível dizê-lo de modo que possa ser entendido? Como dizer aquilo que é condição de todo o dizer?

A afirmação heraclitiana “tudo flui” ela mesma permanece; a afirmação parmenídica “o pensar e o ser são mesmo” é aparentemente muito simples, mas não terá o pensamento uma arquitetura conceitual mais complexa? Como pode o pensamento ser expresso em palavras? Esses temas ocuparão os maiores filósofos da antigüidade, Platão e Aristóteles. As suas respectivas ontologias tematizarão muitos dos problemas legados pela tradição pré-socrática que, em sua radicalidade, opõe o imobilismo eleata ao mobilismo heraclitiano. As suas respostas, porém, serão feitas à luz de um outro grande acontecimento filosófico: a revolução socrática. E essa revolução tem muito a ver com as vicissitudes da vida pública ateniense. A ontologia grega torna-se então matizada por um outro tipo de conflito em que sobressaem, com suas virtudes e vícios, as múltiplas vozes da democracia.

No século V a.C., a filosofia tomou um outro rumo deixando de ocupar-se da natureza e do cosmos para assumir aspectos claramente antropológicos. Não foi por acaso que a democracia ateniense tornou-se a grande fomentadora dessa reviravolta na filosofia. O arquiteto da Atenas democrática foi Clístenes. Esse grande feito originou a vitalidade política que, por sua vez, gerou o maior estadista do seu tempo: Péricles. Sua importância é tão grande que a época

Para uma pesquisa mais detalhada leia em: Aristóteles: *Constitucion de Atenas*, in: *Obras*, Madrid: Editora Aguilar, 1967, p. 1571 a 1614.).

Para saber com mais detalhes sobre este acontecimento histórico acesse: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_peloponeso.

que ele dirigiu Atenas foi chamada de “o século de Péricles”. Está fora dos propósitos da disciplina de ontologia tratar da evolução das constituições políticas até a vigência da cidade *democrática*. Mas há um trecho da *Oração fúnebre* que Péricles proferiu homenageando os atenienses mortos na *Guerra do Peloponeso* que vale a pena retomar, pois ele dá a nítida idéia do que os atenienses pensavam sobre si mesmos e dos valores pelos quais estavam dispostos a morrer.

Nesse discurso se expressa a vantagem da civilização sobre a bárbarie. E ele foi narrado por Tucídides assim:

Somos amantes da beleza sem extravagâncias e amantes da filosofia sem indolência. Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la. Ver-se-á em uma mesma pessoa ao mesmo tempo o interesse em atividades privadas e públicas, e em outros entre nós que dão atenção principalmente aos negócios não se verá falta de discernimento em assuntos políticos, pois olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação. Consideramo-nos ainda superiores aos outros homens em outro ponto: somos ousados para agir, mas ao mesmo tempo gostamos de refletir sobre os riscos que pretendemos correr; para outros homens, ao contrário, a ousadia significa ignorância e a reflexão hesitação. Deveriam ser justamente considerados mais corajosos aqueles que, percebendo claramente tanto os sofrimentos quanto as satisfações inerentes a uma ação, nem por isso recuam diante do perigo. Mais ainda: em nobreza de espírito contrastamos com a maioria, pois não é por receber favores, mas por fazê-los, que adquirimos amigos. De fato, aquele que faz o favor é um amigo mais seguro, por estar disposto, através de uma constante benevolência para com o beneficiado, a manter vivo nele o sentimento de gratidão. Em contraste, aquele que deve é mais negligente em sua amizade, sabendo que a sua generosidade, em vez de lhe trazer reconhecimento, apenas quitará uma dívida. Enfim, somente nós ajudamos os outros sem temer as conseqüências, não por mero cálculo de vantagens que obteríamos, mas pela confiança inerente à liberdade. (TUCÍDIDES, 1986, p. 99)

Nesse pequeno trecho da *Oração fúnebre*, impregnado de pragmatismo tipicamente grego, Péricles não exalta apenas as virtudes da Atenas do seu tempo, mas, mais do que isso, pode-se encontrar nele um primeiro programa para uma civilização global. E nessa cidade democrática, baseada no debate, na liberdade e nas leis aportaram não só as mercadorias, mas as idéias vindas dos mais distantes lugares.

Entre os assíduos visitantes ilustres estavam os sofistas Górgias, Protágoras e Hípias, entre outros. E foi nesse ambiente acalorado pela discussão pública que floresceu o pensamento socrático, marcado de modo indelével pelo drama pessoal da sua morte. A democracia que fez surgir seu primeiro grande pensador, também o eliminou. A democracia torna possível o aparecimento das virtudes e dos vícios humanos, a grandeza e a mesquinharia, a coragem e a covardia, enfim, o bem e o mal.

Nesse entrechoque de valores forjou-se a figura ambígua de Sócrates que, com sua intervenção, deu um novo rumo à ontologia. A pergunta: “o que é o ente?” passou a ter a marca de Sócrates à medida que ele mostrou que o mais importante são as perguntas que os homens dirigem a si próprios e que não há como cuidar de si sem questionar a si mesmo.

Reverenciado por Xenofonte, endeusado por Platão, ridicularizado por Aristófanes: quem foi ele? Mais uma vez, não há uma resposta definitiva aqui. Mas, seja como for, a figura de Sócrates ficou tão associada à filosofia que o seu drama pessoal tornou-se o drama da própria filosofia.

LEITURA RECOMENDADA

CHATELET, F. A filosofia pagã. In: _____. *História da Filosofia I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

QUINE, W. V. Sobre o que há. In: _____. *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PLATÃO; XENOFONTE; ARISTOFANES. *Defesa de Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

REFLITA SOBRE

- Como surge a ontologia?
- O “que há” para Tales de Mileto?
- O “que há” para Anaximandro de Mileto?
- O que significa “devir” ou “vir-a-ser” para Heráclito de Éfeso?
- O que é “ser” para Parmênides?